



“Subvertendo espaços”: Mediação da informação, coletivos periféricos e contranarrativas à mídia hegemônica

“Subverting spaces”: Mediation of information, peripheral collectives and counter-narratives hegemonic media

Jetur Lima de Castro ^{a,*} 

Oswaldo Francisco de Almeida Júnior ^b 

RESUMO: Discute-se as ações de interferência na Mediação da informação realizadas por coletivos periféricos em Belém, Pará, visando construir contranarrativas em oposição à mídia hegemônica local. Esses coletivos buscam representar suas realidades confrontando as narrativas predominantes na mídia local. O estudo adota uma abordagem exploratória com base em análise documental e bibliográfica, utilizando o método da Análise Crítica do Discurso (ACD). Foram analisados jornais locais, como o *Diário do Pará* e *O Liberal*, no período de 1989 a 2014, para mapear a representação do bairro ao longo do tempo, e investigar as ações de interferência e construção de contranarrativas pelos coletivos periféricos. As referências teóricas incluíram autores como Marialva Barbosa e Patrick Charaudeau, enfatizando a análise das narrativas da imprensa e a informação como ato de comunicação. Alicerçado em reflexões sobre mediação, ação de interferência e Mediação da informação por autores como Davallon, Jeanneret, Martins e Almeida Júnior, o estudo teve como propósito desafiar estereótipos e promover representações autênticas e empoderadas das comunidades periféricas. Além disso, foram consideradas as referências de Van Dijk sobre a abordagem da mídia hegemônica em relação às minorias. Os resultados indicam que a Mediação da Informação, por meio da interferência, é utilizada por coletivos periféricos para competir no espaço simbólico, desafiando estereótipos e promovendo representações autênticas e empoderadas de suas comunidades. Essas ações fortalecem as lutas simbólicas por uma comunicação mais inclusiva e representativa. Em resumo, a interferência na Mediação da Informação amplia estudos e investigações, destacando o protagonismo dos moradores, que usam mídias alternativas para expressar suas experiências, enfatizando o poder transformador dessas práticas discursivas.

Palavras-chave: Ação de Interferência; Mediação da Informação; Contranarrativas; Coletivos Periféricos; Mídia Hegemônica.

ABSTRACT: The actions of interference in Information Mediation carried out by peripheral collectives in Belém, Pará, aiming to build counter-narratives in opposition to local hegemonic media, are discussed. These collectives seek to represent their realities by challenging the prevailing narratives in the local media. The study employs an exploratory approach based on documental and bibliographical analysis, utilizing the method of Critical Discourse Analysis (ACD). Local newspapers, such as *Diário do Pará* and *O Liberal*, from 1989 to 2014, were examined to track the portrayal of the neighborhood over time and investigate the actions of interference and the construction of counter-narratives by peripheral collectives. The theoretical references included authors such as Marialva Barbosa and Patrick Charaudeau, emphasizing the analysis of press narratives and information as an act of communication. Grounded in reflections on mediation, actions of interference, and Information Mediation by authors like Davallon, Jeanneret, Martins, and Almeida Júnior, the study aimed to challenge stereotypes and promote authentic and empowered representations of peripheral communities. Additionally, references by Van Dijk regarding the approach of hegemonic media towards minorities were taken into account. The results indicate that Information Mediation, through interference, is utilized by peripheral collectives to compete

^a Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, SP, Brasil.

^b Departamento de Ciência da Informação, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, SP, Brasil.

* Correspondência para/Correspondence to: Jetur Lima de Castro. E-mail: jetur.castro@unesp.br.

Recebido em/Received: 03/08/2023; Aprovado em/Approved: 07/11/2023.

Artigo publicado em acesso aberto sob licença [CC BY 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) 

in the symbolic space, challenging stereotypes and promoting authentic and empowered representations of their communities. These actions strengthen symbolic struggles for a more inclusive and representative communication. In summary, interference in Information Mediation expands studies and investigations, emphasizing the residents' protagonism, who use alternative media to express their experiences, underscoring the transformative power of these discursive practices.

Keywords: Interference Action; Information Mediation; Counter-Narratives; Peripheral Collectives; Hegemonic Media.

INTRODUÇÃO

A informação comunicada pode exercer forte influência na sociedade, estabelecendo uma complexa teia de significados para atingir seus objetivos subjacentes. Além disso, a relação da informação com os meios tradicionais de comunicação torna-se significativo, dado a sua ampla acessibilidade ao público. Desse modo, considera-se importante notar que a produção de informação é direcionada por atores institucionais para atender às diretrizes políticas e editoriais (Mcquail, 2003). Ainda assim, os propósitos políticos e institucionais da informação, muitas vezes não evidentes ao público, estão intrinsecamente ligados à 'lógica simbólica' e 'lógica econômica'. Quando mediada pela mídia, a informação reflete os interesses coletivos de grupos com poder social (Charaudeau, 2018; Van Dijk, 2018).

Por outro lado, as mídias de massa estão sob a influência das 'elites simbólicas', detentoras de privilégios sociais associados ao 'poder simbólico' (Bourdieu, 1989). Estes grupos exercem controle sobre a informação divulgada à sociedade. Conforme Van Dijk (2018), certos grupos, como políticos, jornalistas e escritores, exercem influência sobre o discurso público, controlando, de maneira indireta, as mentes do público e, conseqüentemente, suas ações e desejos. Além disso, o discurso nas mídias mantém uma forte relação com o poder, exercendo controle sobre as massas e moldando representações sociais sobre indivíduos ou grupos (Van Dijk, 2018).

No contexto específico da cidade de Belém do Pará, coletivos periféricos enfrentam a mídia hegemônica, com foco no jornal impresso, amplamente difundido tanto fisicamente quanto digitalmente. As notícias são carregadas de narrativas e imagens que influenciam a percepção coletiva, especialmente sobre temas como a violência, explorados para chamar a atenção do público (Nakamura, 2013). Essas representações perpetuam estigmas e preconceitos, levando comunidades a não se sentirem adequadamente representadas, especialmente quando retratadas como espaços de violência.

A pesquisa se baseou nas reflexões de Van Dijk (2018) sobre como a mídia hegemônica aborda minorias em suas notícias e explorou como as comunidades periféricas usam a Mediação da informação para desafiar estereótipos e promover uma representação empoderada de suas realidades, conforme Almeida Júnior (2009). O campo empírico de estudo desta pesquisa é situado na periferia de Belém, a Terra Firme é um dos bairros mais populosos da cidade, com aspectos singulares na sua história, tais como a ocupação do terreno, as políticas de saneamento e segurança pública.

O processo de confrontação com o Estado em busca do direito à moradia é a marca no bairro da Terra Firme, que se constitui como um lugar de lutas da sua coletividade, mas também um espaço destituído de políticas públicas, infraestrutura básica, em que prevalece e a informalidade nas relações de trabalho dos ocupantes, revelando aspectos de maior vulnerabilidade social, com reflexos nos altos índices de criminalidade e violência ali registrados (Souza, 2006; Alves, 2010).

A mídia, por meio dos noticiários, projetou o bairro da Terra Firme como uma área violenta e inadequada para moradia, classificando-a como periferia e região de baixadas. Nesse contexto, analisaram-se dois importantes jornais de Belém: o *Diário do Pará* e *O Liberal*, ambos disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, abrangendo duas notícias do ano de 1989 e uma de 2014. O objetivo foi mapear como o bairro foi retratado por esses jornais ao longo do tempo. Para essa análise, foram selecionadas três notícias em formato de imagem, sendo duas de 1989 do jornal *O Liberal* e uma do jornal *Diário do Pará* de 2014.

Do ponto de vista metodológico trata-se de uma pesquisa exploratória com abordagem documental e bibliográfica para examinar as ações de interferência e a construção de contranarrativas por coletivos periféricos. A pesquisa documental foi o alicerce baseado na fonte primária confiável para dados históricos, resumindo e adaptando o conteúdo do documento original (Marconi; Lakatos, 2010).

Na revisão bibliográfica, autores como Marialva Barbosa (2007), ressaltam a interpretação dos significados implícitos nas narrativas da imprensa. O estudo também se apoiou nas pesquisas de Patrick Charaudeau (2018), enfatizando a informação como ato de comunicação. Baseado em Zanetti (2008, 2010), abordam-se as ações coletivas, mídias coletivas, contranarrativa e autorrepresentação como ação identitária. Outros fundamentos teóricos incluem o poder simbólico de Bourdieu (1989), a teoria da ação comunicativa de Habermas (1999) e o estudo de Santos (2014) na favela, direcionando o estudo periférico. Também, reflexões sobre mediação, mediação da informação e ação de interferência, como Davallon (2004), Jeanneret (2009), Martins (2013) e Almeida Júnior (2009, 2015), visam desafiar estereótipos e promover representações autênticas e empoderadas.

O método utilizado para coleta e análise dos dados, foi a Análise Crítica do Discurso (ACD), que investiga como as particularidades do contexto e as características dos indivíduos pertencentes a grupos socialmente influentes afetam os membros de grupos subalternos. Destacam-se, entre os grupos influentes, as entidades midiáticas locais, enquanto, no polo oposto, situam-se os grupos socialmente dominados. Van Dijk (2018) argumenta que tanto o discurso jornalístico quanto o político podem definir situações por meio de tópicos, manchetes, leads ou slogans, destacando como essas estruturas discursivas constroem os modelos mentais das pessoas em relação aos eventos. Com o propósito de examinar ambas as perspectivas, a pesquisa assumiu o papel de analista crítico do discurso, conforme Van Dijk (2018, p. 253). Essa abordagem tem o enfoque de desvelar as estruturas de dominação e reprodução ideológica presentes no discurso midiático, ao mesmo tempo que visa promover uma

compreensão mais profunda das dinâmicas de poder envolvidas na construção de narrativas.

O estudo teórico e aplicado analisa como os jornais retratam o bairro Terra Firme. Pesquisa investiga a percepção dos moradores sobre essa representação. Moradores criam contranarrativas por meio de ações coletivas, usando mídias alternativas para interferir na imagem construída pelos jornais. Coletivos locais como Cine Clube TF, Tela Firme, Boi Marronzinho e os Tamuatás do Tucunduba desempenham ações coletivas. Utilizam mídias digitais para mostrar o bairro Terra Firme pela ótica da autorrepresentação. Os coletivos periféricos desafiam o discurso da mídia hegemônica, buscando representação alternativa. Utilizam produções documentais para desencadear políticas representativas ausentes na grande mídia. Por fim, o estudo se concentra nas lutas simbólicas presentes na mídia contra-hegemônica liderada por coletivos periféricos. Eles buscam autorrepresentação por meio da mediação da informação. A pesquisa baseia-se em Almeida Júnior (2009) e Castro e Almeida Júnior (2022), considerando a Mediação da informação como um fenômeno emancipatório e crítico. Estas visões alinham-se à perspectiva de Almeida Júnior (2015) sobre como a construção do conhecimento ocorre por meio da atuação como mediador.

TEIAS CONCEITUAIS DA MEDIAÇÃO A MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO

A análise do conceito de mediação abrange várias teorias filosóficas, culturais e semióticas, revelando sua complexidade de signos em suas interações no contexto social (Santaella, 2020; Almeida Júnior, 2009; Damatta, 2020). Nesse sentido, a mediação atua como um fenômeno gerador de significados, manifestando-se de diversas formas. Estudos sobre mediação documental, da informação e audiovisual revelam uma gama diversificada de abordagens além do modelo emissor-receptor clássico (Demeurisse; Fabre; Gardiès, 2009; Silva; Lacerda, 2018; Castro; Oliveira, 2022).

Sob uma perspectiva ampliada, a mediação transcende seu papel convencional de ligação entre sujeitos, assumindo uma natureza plural e englobando variadas interações e abordagens (Almeida Júnior, 2009; Jeanneret, 2009). Explorada antropologicamente por Davallon (2004), a noção de mediação compreende uma compreensão da cultura e seu uso profissional em diversos dispositivos, servindo como ferramenta conceitual na descrição dos elementos de qualquer processo de comunicação.

A ideia de mediação está intrinsecamente ligada às relações e encontros culturais, promovendo ações relacionais e dialógicas, indo além de estabelecer relações simples entre termos (Davallon, 2004). Perez e Trindade (2020) enfatizam a complexidade e multiplicidade das “mediações”. A Mediação da informação oferece uma contranarrativa midiática hegemônica, apresentando um olhar crítico sobre sua ação de interferência.

A direção dos sentidos ocorre em várias esferas, envolvendo agentes humanos e não humanos, tanto em contextos digitais quanto não digitais (Peres; Trindade, 2020). Martins e Marteleto (2021) contextualizam a mediação como parte do “campo social da informação”, enfatizando a complexidade das relações entre sujeitos e objetos informacionais. Destaca-se a importância das interações complexas, sublinhando as dimensões simbólicas e culturais na Mediação da informação.

Essa perspectiva ressalta como a mediação cria redes de sentido por meio de experiências de vida compartilhadas, desempenhando um papel fundamental na construção de significados (Martins, 2013; Martins; Marteleto, 2021), transcendendo a mera transmissão de informações e influenciando ativamente a compreensão e construção do conhecimento pelos indivíduos.

A Mediação da informação é,

Toda ação de interferência — realizada em um processo, por um profissional da informação e na ambiência de equipamentos informacionais —, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; visando a apropriação de informação que satisfaça, parcialmente e de maneira momentânea, uma necessidade informacional, gerando conflitos e novas necessidades informacionais (Almeida Júnior, 2015, p. 25).

Aponta Almeida Júnior (2009) que a mediação está presente em múltiplos ambientes e o que a diferencia das relações tratadas por profissionais da área da biblioteconomia é que ainda a associam à figura de uma ponte. Uma metáfora que limita a imaginação a conceber a informação como sendo unidirecional, sem considerar a diversidade, complexidade e formas envolvidas na mediação. Segundo Almeida Júnior (2009, p. 93), o conceito de Mediação da informação “[...] destaca-se na afirmação de que é ela uma interferência.

Segundo Almeida Júnior e Bortolin (2007), ao contrário da ideia comum de que o profissional da informação deve ser imparcial e neutro, a interferência é inerente ao seu trabalho devido aos múltiplos significados e conotações da informação. Embora busque a imparcialidade, o profissional deve atentar-se à proximidade entre interferência e manipulação, visando abolir esta última de suas ações. A linha divisória entre interferência e manipulação é sutil, mas crucial para o profissional da informação, desafiando a visão de que ele é passivo e destituído de iniciativa.

A Mediação da informação facilita o diálogo entre os atores, promovendo o senso crítico e a compreensão mútua, desempenhando um papel essencial na integração social (Castro; Silva; Oliveira, 2020). Ela está intimamente ligada à diversidade da linguagem de signos presentes na realidade, evidenciada nos objetos dos espaços socioculturais e na interpretação de sentidos nas interações humanas.

A visão de Almeida Júnior (2015) ressalta como a partilha de experiências e informações desempenha um papel fundamental na formação do conhecimento. As informações, independentemente se são recebidas por mediação de terceiros ou

através dos sentidos, contribuem para a compreensão do mundo, influenciando nossas percepções, posicionamentos, críticas, apoios e ações, embasados nas análises que estabelecemos em relação ao mundo.

Dessa maneira, a Mediação da informação soma-se como processo ativo e dinâmico que envolve vários elementos comunicativos e interacionais na construção do conhecimento. Relaciona-se com a diversidade de linguagens e contextos culturais, sendo uma ferramenta crucial para a compreensão do mundo, permitindo a criação de significados e a construção colaborativa de saberes.

Com a crescente diversificação dos meios de comunicação, a mediação está em reconfiguração diante do novo padrão de consumo de informações. Isso gera várias formas de mediação e impacta o comportamento do sujeito, influenciado pelos modos de acesso à informação e pela comunicação.

O intercâmbio de informação e conteúdo simbólico sofre uma profunda mudança com as inovações tecnológicas (imprensa e, posteriormente, meios eletrônicos): que as interações face a face cedam cada vez mais espaço para as interações mediadas e as “interações quase mediadas” as relações que as pessoas estabelecem com os conteúdos dos meios (Almeida, 2008, p.13).

Com a ampla acessibilidade aos meios de comunicação, a Mediação da informação assume novas configurações, influenciando a interação e a obtenção de informações. Esse processo permite a diversidade de perspectivas e a construção coletiva do conhecimento (Almeida Júnior, 2015). Os princípios fundamentais para efetivar a Mediação da informação envolvem a experiência, a interpretação contextual do mundo e a construção de conhecimento individual e coletivo (Freire, 1989). Embora a Mediação da informação como um processo de interferência, amplie-se com os avanços tecnológicos, requer compreensão sensível e interação comunicativa mais aprofundada (Dunker, 2020). Ela constitui-se um fenômeno intrínseco às linguagens e às expressões culturais, demandando uma análise crítica das formas midiáticas e textuais (Jeanneret, 2009). Por isso, considera-se categórico um engajamento ativo no processo reflexivo, reconstruindo a razão humana por meio da ação comunicativa, como proposto por Habermas (1987, 1999). Isso implica em uma abordagem compreensiva e na expansão dos processos comunicativos.

A PERIFERIA COMO 'ESPETÁCULO PÚBLICO' NA MÍDIA

O discurso cotidiano da informação passa a ser amplamente difundido mediante as várias mídias presentes na sociedade, especialmente por meio de canais tradicionais como jornais impressos, telejornais e rádios, acessados pelo público devido à sua praticidade e impacto no consumo de informações. Essa presença midiática se encaixa no conceito de “máquina midiática” proposto por Charaudeau (2018), que utiliza várias formas de linguagem, incluindo narrativas, discursos e exibição de imagens, visando impactar a audiência e influenciar suas percepções.

Ao trazer informações ao público, as diversas formas de linguagem empregadas pela mídia desempenham um papel essencial na condução do debate social e no consumo da informação, investindo na linguagem como um ato discursivo para persuadir, informar e provocar ações e reações em seu público. A linguagem vai além dos sistemas de signos de uma língua, abrangendo os valores que direcionam seu uso em contextos de comunicação específicos. Considera-se a linguagem como um ato discursivo que organiza a circulação da fala em uma comunidade, gerando significados (Charaudeau, 2018).

O questionamento sobre a autoria de um discurso é crucial para refletir sobre seu impacto na vida daqueles que buscam informações através dele. De acordo com Charaudeau (2018), o discurso não é neutro, mas organiza-se moldado por uma “instância de produção” formada por diretores, organizadores, escritores e redatores, responsáveis por orientar o discurso de acordo com diretrizes políticas e editoriais. Assim, a informação desenvolve-se como um produto de uma instituição editorial que atende aos interesses dos sujeitos ligados às “elites simbólicas”, conforme definido por van Dijk (2018). Esses sujeitos, como jornalistas, escritores e artistas, usam sua posição e relação institucional para moldar os tópicos, estilos ou formas de apresentação dos discursos.

Dentro desse contexto, esses atores possuem uma relação com o “capital simbólico”, conceito de Bourdieu (1992), que engloba a legitimidade e o reconhecimento social obtidos pelas pessoas devido ao seu destaque na sociedade. Observado por Durand (2014), os atores podem ter vários tipos de capitais, como econômico, cultural, institucional ou outros, que validam suas funções e acumulam reconhecimento e legitimidade em seus campos de atuação.

O capital simbólico situa-se na ordem do conhecimento: ele existe pela e para a percepção ou, mais precisamente, por e para aqueles que o percebem e podem percebê-lo e fazê-lo existir como tal apenas porque são dotados de categorias perceptivas adequadas (Bourdieu, 1981, p. 643).

Portanto, o discurso jornalístico visa moldar a “verdade” que influencia as várias camadas da sociedade, desempenhando um papel crucial na formação da opinião pública e na construção do imaginário social sobre questões específicas. Além disso, o monopólio do poder exercido pelas elites simbólicas visa impor visões, baseando-se em seus interesses econômicos e políticos, influenciando a sociedade para aceitar opiniões e crenças transmitidas por fontes consideradas confiáveis, segundo Van Dijk (2018).

Por conseguinte, os grupos minoritários, frequentemente excluídos dos espaços midiáticos predominantes, têm suas vozes silenciadas na sociedade, resultando na estigmatização de suas identidades e espaços nos discursos midiáticos, refletindo o impacto do imaginário promovido pela mídia. O discurso, a linguagem e a comunicação têm um papel central na perpetuação do consenso étnico dos grupos brancos, especialmente por meio do discurso da elite e da imprensa, que frequentemente

retratam os grupos étnicos minoritários de forma negativa ou estereotipada, muitas vezes como um problema ou ameaça (Van Dijk, 1991).

No contexto da construção do imaginário social sobre a periferia no Brasil, autores como Pallone (2005) e Tanaka (2006) apontam para a representação estigmatizada promovida pelo discurso político e pela mídia hegemônica jornalística. Essa construção evidencia a periferia como um espaço de marginalidade, afastado do centro urbano, conforme demonstrado nos estudos de Mautner (1991) e Costa (1984), disseminados amplamente pelos meios de comunicação na década de 1970.

Durante a ditadura, por exemplo, a mídia destacou a periferia como um espaço urbano pobre e desorganizado, associado ao crescimento urbano e à população de baixa renda, identificando áreas carentes como loteamentos clandestinos e favelas próximas aos centros urbanos (Pallone, 2005; Tanaka, 2006). A ideia de periferia permanece estereotipada e marginalizada, formada historicamente e impulsionada pelas principais mídias. Zanetti (2008) advoga por uma visão ampla da “periferia urbana”, abrangendo dimensões culturais e identitárias para além da visão geográfica e social.

Van Dijk (2018) destaca a influência do discurso midiático na percepção das minorias, exemplificada em jornais paraenses, que, ao abordar certas comunidades, reforçam a visão estigmatizada sobre áreas periféricas, como a Terra Firme. Isso é evidenciado em um artigo que, ao falar sobre Canudos, associa predominantemente a criminalidade ao bairro da Terra Firme, perpetuando estereótipos e preconceitos em relação à periferia.

Figura 1. Jornal o liberal, 1989, p. 2.



"A Terra Firme é maior. É um bairro formado basicamente por baixadas, onde é maior o número de criminalidade", assegura o delegado. Entre as ocorrências registradas na Delegacia da Terra Firme, os pequenos furtos são os mais comuns. Depois, constam as brigas de vizinhos.

Fonte: Hemeroteca digital biblioteca nacional (2020).

Nesse contexto, o bairro da Terra Firme se enquadra no conceito de “estigma social”, conforme definido por Goffman (2008). Tal conceito refere-se à situação em que, ao sermos apresentados a um estranho, os primeiros aspectos nos permitem fazer previsões sobre sua categoria e atributos. No entanto, à medida que o discurso sobre esse estranho passa a ser construído e direcionado pelas intencionalidades da linguagem, podem surgir relações de estereótipos que assumem uma conotação depreciativa.

Durante a década de 1980 até 2014, pequenos relatos nos jornais foram selecionados para analisar a origem e evolução do estigma construído pelo discurso midiático sobre o bairro da Terra Firme. A seleção desse período tem a intenção de examinar a origem

do estigma relacionado ao bairro ao longo do tempo e investigar possíveis mudanças nas representações midiáticas. Observando a cobertura midiática desde então, percebe-se uma continuidade na maneira como as áreas periféricas são retratadas como epicentros de violência urbana, mantendo o estigma associado aos bairros violentos. As representações midiáticas desses locais frequentemente os descrevem como perigosos, apresentando condições habitacionais precárias.

Figura 2. Diário do Pará, 2014, p. 6.



Fonte: Jornal Diário do Pará (2014).

Soares (2004) destaca a situação dessas áreas, descrevendo-as como espaços imersos em uma guerra que afeta sobretudo os jovens pobres, negros e residentes de bairros periféricos. O crescimento do tráfico de armas e drogas é identificado como a dinâmica criminosa predominante, associada ao crime organizado.

Na Região Metropolitana de Belém, a presença de policiais em milícias está associada a episódios violentos, como a chacina do Guamá, registrada a partir da década de 1990 e resultando em 11 mortes, conforme indicado por Ferreira Júnior (2019). Essa estrutura do texto faz sentido ao explicar como o estigma midiático sobre a Terra Firme continua e como certas informações ajudam a entender essa visão. Relatórios da Assembleia Legislativa e da Ordem dos Advogados ressaltam que a mídia ignora atos violentos diários em áreas periféricas de Belém. Isso acontece porque a mídia normaliza a violência ao ignorar repetidamente esses eventos.

De acordo com Costa, Corrêa Salgado e Pantoja Júnior (2018), como a mídia fala influencia como o público observa as coisas. Rondelli (1998) destaca que a mídia não apenas mostra publicamente violência, mas também é onde diferentes opiniões se unem, moldadas por um jeito específico de contar as coisas. Essas histórias, frequentemente nos jornais, afetam como as pessoas percebem áreas com muitos problemas, fortalecendo o estigma associado a bairros violentos.

Conforme discutido por Brito (2014, p. 175):

A maneira pela qual a mídia - em seus diferentes meios, do cinema ao jornal, do rádio à televisão, a que se soma hoje a internet - tratou aqueles que elegeram como seus outros, os estranhos, os diferentes foi, historicamente, construir estereótipos, amplificando e reiterando estigmas presentes no espaço social.

Observações mostram que a Terra Firme é vista como um lugar inadequado para morar, reforçando um estigma sobre o bairro. O jeito como as pessoas falam do bairro usando a expressão “me rouba logo” revela desconfiança em relação aos moradores, mesmo que pareça uma brincadeira. A imagem estereotipada das pessoas de Terra Firme reforça características negativas que mantêm a estrutura hegemônica. Esse estigma reforça preconceitos e cria barreiras sociais que dificultam a inclusão e a compreensão completa da vida no bairro.

Figura 4. Jornal o liberal, 1989, p. 2.



Fonte: Hemeroteca digital Biblioteca Nacional (2020).

O papel da mídia na disseminação de informações influencia fortemente o que é comunicado à sociedade, deixando de transmitir de maneira neutra a realidade social e moldando a percepção pública com a imagem construída. Assim, a mídia muitas vezes concentra-se em mostrar conteúdos visualmente impactantes, normalmente focados em notícias negativas, reforçando uma visão fragmentada e distorcida do espaço público, alinhada com seus próprios objetivos. Isso pode distanciar a representação fiel dos eventos e tópicos abordados (Charaudeau, 2018). Por meio das representações midiáticas, o bairro Terra Firme é frequentemente associado à marginalização, estigmatizando a comunidade. Os depoimentos dos moradores¹ refletem os estigmas enfrentados por residirem nesta área periférica.

¹ Algumas falas foram extraídas da pesquisa 'Poderia ter sido você: Autorrepresentação, dimensão sensível e intersubjetiva da violência no bairro da Terra Firme, em Belém', defendida

Eu trabalhava em um lugar e antes fui recrutado para fazer entrevista. Eles perguntaram de onde eu era e onde eu morava. Eu disse: “moro na Terra Firme”. Todos que estavam presentes se assustaram e falaram: “como é? Terra Firme? Quantos morreram lá? Matam cinco e deixam dez para matar no outro dia é?” Por isso a imagem do bairro ficou manchada por causa dessa visão preconceituosa. (Entrevistado A).

É muito ruim a maneira como os jornais tratam esse acontecimento. Os moradores do bairro da Terra Firme são tratados como moradores de um bairro violento; um bairro que parece ser dominado pela violência, o tráfico e o crime. Os jovens também conseqüentemente são tratados assim, como pessoas que não trabalham ou não estudam. Alguns jornais relatam de maneira diferente, mas no geral é assim que eles retratam, falando ser um bairro periférico, extremamente violento e que tem uma criminalidade constante. (Entrevistado B).

A análise da identidade do bairro Terra Firme destaca um estigma na mídia e uma falta de identificação dos residentes com as representações midiáticas do local. A mídia, conforme Van Dijk (2018), tende a enfatizar o crime e aspectos associados às minorias, muitas vezes adotando uma perspectiva racista. Além disso, a mídia hegemônica, ao realçar o crime e os temas relacionados às minorias, acaba por estigmatizá-las e contribuir para a sua criminalização, reduzindo, essencializando e naturalizando as diferenças. Isso obscurece as vozes e identidades das minorias, invisibilizando-as no contexto midiático.

Por outro lado, para contestar essa narrativa, moradores, especialmente jovens da periferia de Terra Firme, criaram coletivos nas novas mídias digitais para contrapor a imagem estigmatizada difundida pelos jornais e fazer ecoar suas vozes na sociedade. Essas iniciativas buscam a autorrepresentação do bairro, oferecendo uma contranarrativa à mídia hegemônica que, ao longo do tempo, enfatizou principalmente as notícias negativas, distorcendo o imaginário coletivo. A próxima seção discutirá os coletivos “terra firmense” e suas estratégias de compartilhamento de informações sobre o bairro.

CONTRANARRATIVA ATRAVÉS DA AÇÃO DE INTERFERÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Considerando o bairro da Terra Firme e os coletivos que surgiram nesse contexto, torna-se possível compreender suas ações por meio do conceito de interferência proposto por Almeida (2008) no contexto da Mediação da informação, que visa estabelecer relações para contrapor-se às mediações realizadas pelas mídias hegemônicas. A mediação está envolvida nas dinâmicas de conflito que ocorrem nas

em (2020), a fim de compor uma análise crítica do artigo, destacando alguns exemplos da importância dos coletivos periféricos e as contranarrativas nas ações de interferência na Mediação da informação.

relações com o outro, onde se evidenciam tensões de informações e diferentes perspectivas sobre o mundo que nos rodeia e influência (Castro; Silva; Oliveira, 2020).

Ao examinar a abordagem de Almeida Junior (2015) sobre como nos apropriamos da informação, identificamos um processo de contra-argumento ou contranarrativas, conforme conceituado por Bamberg & Andrews (2004, p.1), no livro “Considering counter-narratives: Narrating, resisting, making sense”. Os autores definem contranarrativas como:

[...] as histórias que as pessoas narram e vivenciam, oferecendo resistência, de maneira implícita ou explícita, às narrativas culturais dominantes. Os autores investigam como as pessoas enquadram suas próprias histórias em relação às narrativas culturais dominantes que moldam o contexto de suas vidas, especialmente quando essas histórias não parecem se encaixar de forma convencional. Uma das principais funções das narrativas mestras é proporcionar às pessoas um modelo para identificar o que se considera uma experiência normativa. Portanto, essas narrativas mestras servem como padrão não apenas para as histórias dos outros, mas, crucialmente, para as nossas próprias histórias também. Isso ocorre porque, em última análise, o poder das narrativas mestras reside na sua internalização. De forma consciente ou inconsciente, nós nos tornamos as histórias que conhecemos, e a narrativa mestra é reproduzida. (Bamberg; Andrews, 2004. p.1).

Os autores discutem as contranarrativas e sua forte ligação com práticas de libertação e emancipação social. Defendem que as contranarrativas são alternativas às correntes ideológicas predominantes, manifestando-se via microdiscursos. Estes microdiscursos possuem potencial para introduzir novas perspectivas e representações, desempenhando um papel fundamental na resistência à hegemonia dos discursos, práticas e paradigmas predominantes (Bamberg; Andrews, 2004).

A contranarrativa, portanto, equivale a uma resposta contra-hegemônica, insurgente, alternativa; apresenta-se como outra descrição e outra leitura sobre um fenômeno ou a realidade, manifestando-se como outra possibilidade discursiva e simbólica, transcendendo as narrativas dominantes e do senso comum (Loria, 2017, p. 91).

Nesse contexto, se faz evidente uma estratégia para contrapor a mediação realizada pela mídia hegemônica, por parte daqueles que não se sentem adequadamente representados pelo discurso midiático. Os moradores expressam a sua insatisfação em relação à representação que os jornais oferecem e afirmam encontrar uma representação mais precisa e autêntica nas construções coletivas e iniciativas dos próprios moradores do bairro.

A declaração de que são “fazedores de cultura” destaca a intenção de contradizer as relações de poder estabelecidas, ao mesmo tempo, em que realça a riqueza cultural e a vitalidade da comunidade. Essa afirmação sugere que os moradores têm muito a contribuir para a sociedade, e demonstra a resiliência e o empoderamento da

comunidade. Eles assumem seu protagonismo e responsabilidade por seu próprio destino, usando sua voz para desafiar a narrativa dominante da mídia.

Além disso, outros moradores do bairro também destacaram:

A Terra Firme, em que meio as estruturas desiguais e tanta violência e maus tratos, vê nos moradores pessoas alegres com seu viver. Vejo pessoas alegres em meio às desigualdades sociais, principalmente na falta de saneamento básico. Ainda assim, a gente consegue brincar e ser feliz. Por exemplo, no dia, com o jogo REXPA, as pessoas brincam entre si. Outro morador diz que vejo boa vida na minha TF e quando não aparecem na televisão, a quebrada mesmo faz! (Entrevistado C).

[...] se há um cuidado maior no trato com a cobertura de matérias sobre a periferia, isso se deve às várias iniciativas como a do Tela Firme com o audiovisual fazendo contraponto aos jornais, assim também outros coletivos, o É Mana, Cine Clube TF, Boi Marronzinho, Instituto Amazônia Cultural. (Entrevistado D).

O destaque central recai na afirmação do (Entrevistado C) sobre a Terra Firme como uma comunidade ativa na produção cultural, mesmo diante da falta de apoio das políticas públicas. Essa visão reflete a resistência e determinação da comunidade em recontar sua história de maneira autêntica, em oposição às narrativas predominantes sobre o bairro.

Essas vozes da comunidade ressaltam a importância de reconhecer e valorizar as experiências locais autênticas, opondo-se à narrativa estigmatizante frequentemente apresentada pela mídia hegemônica. Os coletivos do bairro da Terra Firme não se limitam a abordar as lutas contra a violência, mas também se dedicam a valorizar a cultura local, a beleza e a diversidade da vida na periferia, indo além das abordagens que focam exclusivamente em relatos de violência e estigma.

Os coletivos, formados majoritariamente por jovens locais, surgiram como resposta à considerável violência em Belém, especialmente nos bairros periféricos. Sua principal missão equivale a criar narrativas que contestem as imagens frequentemente divulgadas pela mídia local. Esses grupos, como o “Cine Club TF”, surgiram para desenvolver narrativas audiovisuais que denunciam a violência enfrentada pelos jovens, muitas vezes vítimas da ação direta ou conivente do Estado. Este coletivo, fundado em 2015, visa amplificar as vozes da juventude periférica, permitindo que sejam protagonistas de suas próprias histórias.

Segundo uma jovem do Cine Clube TF, algumas pessoas acreditam que as falas da mídia são verdades e propagam esses rótulos, mas existe também muita gente engajada na desconstrução desses estereótipos e na desmistificação desse imaginário criado pelos veículos de comunicação. (Entrevistado E).

Por meio da expressão artística cinematográfica, o coletivo Cine Clube TF se esforça para realizar intervenções informacionais que valorizam e reconhecem a riqueza das

experiências e vivências dos moradores da Terra Firme, proporcionando um espaço para que eles expressem suas realidades e ganhem visibilidade.

O Cine Club TF é uma espécie de circuito que atua em seis expressões, a saber: teatro, canto, poesia preta, artes visuais, dança e o audiovisual. Sua principal finalidade é promover, através desses saraus, a exibição de produções audiovisuais que divulguem as produções artísticas da juventude periférica. (MELO, 2019, *online*).

O “Cine Clube TF” tem um papel significativo na mediação comunitária, sendo ativo tanto no Instagram, com cerca de 3.256 seguidores, quanto no Facebook, com aproximadamente 2,2 mil seguidores. O grupo se apresenta como um defensor da transformação social na periferia por meio da arte. Suas páginas nas redes sociais têm destaque na promoção das atrações culturais do bairro, realizando expressões artísticas como grafite, dança e teatro. Essa atuação cultural desempenha um papel importante na vida comunitária, enriquecendo a identidade diversificada na Terra Firme. A Figura 5 ilustra uma das intervenções do grupo nas ruas do bairro, denominada “sarau nós existimos!”.

Figura 5. Ação do coletivo cine club tf nas ruas do bairro da Terra Firme.



Fonte: Instagram do @cineclub_tf (2023).

O projeto em questão rompeu as limitações geográficas do bairro, obtendo reconhecimento e destaque em circuitos que têm por objetivo impulsionar ações voltadas às comunidades periféricas por meio de parcerias estratégicas. Uma dessas iniciativas é retratada na imagem, onde o Cine Clube Tf realiza uma intervenção artística e cultural em conjunto com a Secretaria de Cultura do Estado do Pará (Secult-pa) e o Ministério Público da Vara da Infância e Juventude.

Em celebração ao mês da Consciência Negra, o Cine Club TF, com apoio da Secult-Pa e do Ministério Público da vara da infância e juventude, organizou-se um evento cultural no conjunto Liberdade, Terra Firme, Tucunduba. Mais de 300 famílias receberam orientações sobre a promotoria de justiça da infância e juventude, e 100 famílias foram beneficiadas com cestas básicas. O evento contou com apresentações de teatro, dança, música, poesia afroindígena e cinema (Cine Club TF, 2021, *online*).

Os moradores da Terra Firme buscam a valorização de sua comunidade e identidade por meio da autorrepresentação, uma ação contrapositiva enfatizada por Zanetti (2010). O bairro se destaca como uma contranarrativa midiática, especialmente na produção audiovisual, reorganizando o território e estabelecendo redes políticas e culturais alternativas.

A resistência e a interferência de informação partem do protagonismo dos moradores, que utilizam mídias alternativas para relatar histórias das periferias urbanas, visando garantir seu direito à expressão e participação ativa na vida urbana, combatendo a invisibilidade e a falta de reconhecimento (Silva, 2014). O coletivo “Tela Firme” caracteriza-se como uma influente mídia alternativa na Terra Firme, trazendo as necessidades da comunidade por meio de produções audiovisuais, representando as vozes dos moradores de dentro para fora.

O Tela Firme existe em função da autorrepresentação, da contraposição à narrativa hegemônica aos meios de comunicação de massa, que tem como principal objetivo o lucro, e nossa intenção é ser voz na quebrada, denunciar a injustiça e divulgar as belezas na periferia. (Entrevistado F).

Essas concepções são devidamente consideradas e incorporadas nas práticas audiovisuais do coletivo Tela Firme, que se configuram como uma ação discursiva com um significativo potencial de transformação social.

Figura 6. Tela Firme.



Fonte: Instagram do @telafirme (2023).

O coletivo atua como uma ferramenta importante para contestar narrativas dominantes e promover suas próprias narrativas na esfera pública. Sua abordagem contranarrativa oferece uma visão autêntica da cultura na Terra Firme, desafiando estereótipos associados às periferias urbanas. Na Terra Firme, destaca-se a organização comunitária “Boi Marronzinho”, fundada em 1993, conhecida por ser uma promotora da cultura popular amazônica na região. Por meio de mídias alternativas,

como sua página online “Associação Cultural do Boi Marronzinho”, o grupo divulga suas atividades, incluindo reuniões, oficinas culturais e apresentações musicais.

Figura 7. Logomarca – boi marronzinho tf.



Fonte: Instagram do @boimarronzinhof(2023).

O idealizador do projeto, Joelcio Ataíde dos Santos, em entrevista à TV Liberal no programa “Liberal Comunidade”, enfatiza que o “Boi Marronzinho” funciona como uma grande família, focada no resgate sociocultural da comunidade local. A missão do grupo é unir à comunidade carente da Terra Firme, oferecendo não apenas expressões culturais, mas também educação ambiental e a promoção da sustentabilidade. Por meio da página do Instagram, torna-se possível analisar as diversas iniciativas culturais do “Boi Marronzinho”, que abarcam desde o cortejo realizado pelas ruas do bairro da Terra Firme, até as oficinas promovidas pela organização e sua participação em pautas que envolvem diálogos com a comunidade. A Figura 8 a seguir ilustra essas ações.

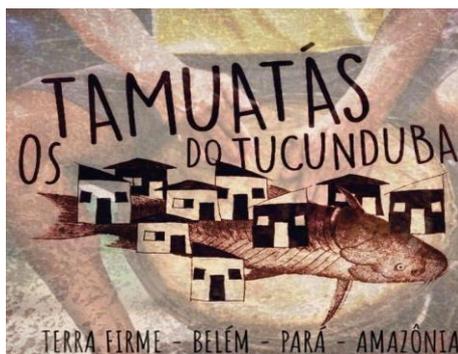
Figura 8. divulgação de ação comunitária.



Fonte: Instagram do @boimarronzinhof (2023).

O grupo “Tamuatás dos Tucunduba” e sua atuação na mídia social, mais especificamente na plataforma Instagram. O grupo se posiciona como representante do carimbó periférico da Terra Firme e como intérprete de histórias de resistência na baixada de Belém do Pará. Essa abordagem é significativa ao demonstrar uma busca por preservar e valorizar a cultura local, bem como dar voz à resistência e às narrativas dos moradores da região.

Figura 9 – Tamuatás do Tucunduba.



Fonte: Instagram do @TamuatásdoTucunduba (2023).

Ao se apresentar como representante do carimbó periférico, o grupo revela uma conexão com a cultura popular e tradicional da Terra Firme. O carimbó é uma expressão artística e cultural típica da região amazônica, e ao assumir essa identidade, os Tamuatás dos Tucunduba se inserem em uma tradição e se afirmam como parte integrante da comunidade local. Além disso, a postura do grupo em se autodenominar intérprete de histórias de resistência na baixada de Belém do Pará denota seu compromisso em destacar as experiências e os desafios enfrentados pela população local. Através de suas expressões culturais e musicais, o grupo revisita vivências cotidianas e trajetórias de resistência às margens do Rio Tucunduba.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa contribuiu significativamente para a importância das ações de interferência dos coletivos periféricos na Mediação da informação, evidenciando um contraste marcante com a influência da mídia hegemônica. Ao adotar uma abordagem teórica e aplicada, tornou-se clara a relevância do campo interdisciplinar da Mediação da informação, oferecendo potencial para investigações mais profundas no âmbito da ciência da informação.

Um dos principais destaques deste estudo está na valorização das vozes e identidades de sujeitos considerados “minorias”, resultado da identificação de lacunas nas pesquisas sobre Mediação da informação. Essas lacunas possibilitaram uma compreensão mais profunda das dinâmicas das comunidades periféricas e marginalizadas, permitindo que esses sujeitos se ergam como protagonistas na construção de suas próprias narrativas e representações.

As ações de interferência desencadeadas pelos coletivos periféricos, contrastando com as práticas da mídia hegemônica, são claras. Elas revelam movimentos da diferença, conforme discutido por Deleuze (2006), levando a uma reflexão sobre o impacto dessas abordagens nas produções audiovisuais dos coletivos localizados em áreas periféricas. Estas produções estimulam uma reflexão profunda sobre o significado desse “outro lugar” e como os circuitos de solidariedade que emergem

nesse contexto, baseados em relações afetivas, podem desafiar as lógicas de individualismo e desumanização característicos da sociedade contemporânea.

No contexto de interferência, a pesquisa destaca a importância da perspectiva da contranarrativa e sua dimensão política. Essa ênfase se fundamenta nos diversos movimentos presentes no bairro estudado, abrigando quase uma centena de coletivos ativos. Esses coletivos confrontam a lógica de dominação da mídia ao proporem narrativas audiovisuais que denunciam a violência, preconceito e estereótipos nas representações midiáticas, buscando o reconhecimento das práticas representacionais, informacionais e interpretativas de setores da sociedade.

É importante compreender o papel da mídia na formação do imaginário social, influenciando a opinião pública e perpetuando estereótipos. No entanto, os moradores da Terra Firme respondem a essa narrativa estigmatizante por meio de coletivos de mídia digital, desafiando a imagem negativa do bairro e oferecendo contranarrativas à mídia tradicional.

Os resultados deste estudo evidenciam a importância dos coletivos periféricos como agentes de contraposição às narrativas hegemônicas da mídia tradicional. Eles utilizam a interferência e a autorrepresentação como estratégias para combater o estigma, valorizando a cultura local e amplificando vozes. Além disso, esses coletivos contribuem para a construção de uma narrativa mais equilibrada e empoderada da Terra Firme, ressaltando o papel vital da mídia alternativa na promoção da justiça informacional e social na luta contra as desigualdades.

No âmbito da Mediação da informação, a contemporaneidade transcende sua definição tradicional, configurando-se como um campo repleto de conceitos aplicáveis para uma compreensão mais profunda da sociedade e de suas dinâmicas culturais. A consideração de documentos e informações populares como formas de autorrepresentação de comunidades específicas amplia o escopo das pesquisas de Mediação da informação, indo além da memória e abrangendo fatores socioculturais que influenciam na construção de identidades.

Este estudo, utilizou uma abordagem documental e bibliográfica, analisou as contranarrativas construídas por coletivos periféricos em Belém, Pará. Ao desafiar estereótipos e promover representações autênticas, empregou-se a Análise Crítica do Discurso (ACD) para desvendar as estruturas ideológicas presentes no discurso midiático. A ação de interferência, evidenciada neste estudo, destaca o caráter transformador dessas práticas discursivas, permitindo que as vozes das comunidades sejam ecoadas para além dos estereótipos e narrativas preconceituosas impostas pela mídia hegemônica.

Para finalizar, considera-se essencial promover uma discussão mais ampla e aprofundada sobre o tema da Mediação da informação no âmbito acadêmico. A exploração mais aprofundada das questões teóricas que permeiam esses estudos é crucial para uma compreensão mais abrangente de como as práticas de mediação influenciam construir narrativas, identidades e representações culturais nas

comunidades periféricas, abrindo espaço para as vozes marginalizadas serem ouvidas, amplificadas e valorizadas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. A. de, 2008. Mediações da cultura e da informação: perspectivas sociais, políticas e epistemológicas. *Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação*, 1(1), 1-24.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F.; BORTOLIN, S, 2007. Mediação da informação e da Leitura. In: SEMINÁRIO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 21, 2007, Londrina. *Anais eletrônicos* [em linha]. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2007.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. de, 2009. Mediação da informação e múltiplas linguagens. *Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação* [em linha]. v. 2, n.1, 89-103.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. de, 2015. Mediação da informação: um conceito atualizado. In S. Bortolin, J. A. dos Santos Neto, & R. J. da Silva (Orgs.), *Mediação oral da informação e da leitura*. Londrina-PR: ABECIN.

ALVES, E. S, 2010. *Marchas e contramarchas na luta pela moradia na Terra Firme (1979-1994)*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém.

BAMBERG, M.; ANDREWS, M, 2004. *Considering counter-narratives: Narrating, resisting, making sense*. Amsterdam: John Benjamins.

BACZKO, B, 1985. Imaginação social. In: E. Each et Alii (Orgs.), *Enciclopédia Einaudi. Antropos-Homem*. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda.

BARBOSA, M, 2007. *História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad.

BOI MARRONZINHO, 2023. Promovendo cultura popular amazônica no bairro da Terra Firme. [Acesso em 07 junho de 2023]. Disponível em: <https://www.instagram.com/boimarronzinhof/>

BOURDIEU, P, 2015. *Sociologie. Sociologie générale*. vol. 1: Cours du collège de France 1981 (v. 1983, pp. 519-524).

BOURDIEU, P, 1992. *Le règles de l'art - genèse et structure du champ littéraire*. Paris: Du Seuil.

BOURDIEU, P, 1989. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

BRITO, R. de S. [2014, 02 de fevereiro]. Rolezinhos: jogos de mídia e visibilidade social contra a segregação. *Diário do Pará*, p. A6.

CASTRO, J. L. de, 2020. *Poderia ter sido você: autorrepresentação, dimensão sensível e intersubjetiva da violência no bairro da Terra Firme, em Belém* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Belém.

CASTRO, J. L. de.; OLIVEIRA, A. N. de, 2022. Mediação da informação na “quebrada”: a autorrepresentação nas narrativas audiovisuais produzidas por jovens da periferia de Belém-Pará. *Revista Brasileira De Biblioteconomia e Documentação* [em linha]. v.18, n.2.

CASTRO, J. L. de.; e ALMEIDA JUNIOR, O. F. de, 2022. Mediação da informação e reconhecimento intersubjetivo: aproximações teóricas. *Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação* [em linha]. v.27, n.1. [

COSTA, A. C. S. DA; CORRÊA, D. C. S.; SALGADO, M. M.; PANTOJA JUNIOR, W. C, 2018. Entre tensionamentos e conflitos narrativos jornalísticos: construções sobre a polícia e/ou o policial na mídia impressa da amazônia paraense. *Aturá - Revista Pan-Amazônica de Comunicação* [em linha]. v. 2, n. 3, p. 16-39, 1 set.

CHARAUDEAU, P, 2018. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto.

CINE CLUB TF, 2023. Coletivo da Terra Firme engajado na transformação social da periferia pela arte. [Página no Instagram]. [Acesso em 07 junho de 2023]. Disponível em: https://www.instagram.com/cineclub_tf/

DAVALLON, J, 2004. La médiation: la communication en procès ? *MEI*[em linha]. n. 19, p. 37-58.

DELEUZE, G, 2006. *Diferença e Repetição*. Trad.: Luiz Orlandi e Roberto Machado. São Paulo: Graal.

DEMEURISSE, J. S., FABRE, I., e GARDIÈS, C, 2009. Organização do saber e mediação documental: do tratamento de periódicos de história a sua utilização em bibliotecas universitárias na França. *Perspectiva em Ciência da informação* [em linha]. 14 (número especial).

DIÁRIO DO PARÁ, 2014. Belém: RBA, ano XXXII, no 11.086, 21 jan.

DUNKER, C. I. L., 2020. Mediação na cura psicanalítica e na curadoria empática. In C. Perez e E. Trindade (Eds.), *Mediações: perspectivas plurais*. Barueri-SP: Estação das Letras e Cores.

DURAND, P, 2014. *Capital symbolique*. Université de Liège. [Acesso em 07 junho de 2023]. Disponível em: <https://orbi.uliege.be/bitstream/2268/165557/1/Capital%20symbolique.pdf>

FERREIRA JUNIOR, S. do E, 2019. *Configuração do acontecimento violento em narrativas jornalísticas: Chacina da Região Metropolitana de Belém em Diário do Pará e O Liberal*. 2019. 118 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). Programa de Pós- Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia - Universidade Federal do Pará, Belém.

GOFFMAN, E, 1988. *Estigma - notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC.

JEANNERET, Y, 2009. A relação entre mediação e uso no campo de pesquisa em informação e comunicação na França. *Revista Eletrônica de Comunicação Informação e Inovação em Saúde*, Rio de Janeiro [em linha]. v. 3, n. 3, p. 25-34, set.

HABERMAS, J, 1987. *Conhecimento e interesse*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

HABERMAS, J, 1999. *Teoría de la acción comunicativa I: Racionalidad de la acción y racionalización social*. Madrid: Taurus, 1999.

LIBERAL COMUNIDADE. [2023, 18 de agosto]. Associação da Terra Firme estimula valorização da cultura popular. [Acesso em 07 junho de 2023]. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/11709890/>

LORIA, L, 2017. *Manifestações artísticas como contra-narrativas: estudos de casos das periferias do Rio de Janeiro e de Lisboa (Tese de Doutorado)*. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Florianópolis.

MARTINS, Ana Amélia Lage, 2013. Mediação informacional: uma perspectiva a partir do campo social da informação. In: XIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, Florianópolis, Santa Catarina. Acesso em 07 junho de 2023]. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/184504>.

MARTINS, Ana Amélia Lage; MARTELETO, Regina, 2021. Mediações: sentidos sócio-históricos. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 26, n.1, p. 174-196.

MARCONI, M. de A., e LAKATOS, E. M, 2010. *Fundamentos de metodologia científica* (7a ed.). São Paulo: Atlas.

MELO, L, [2019, 10 de setembro]. Cine Club TF: Juventude Negra periférica – Do extermínio ao Protagonismo. [Acesso em 07 junho de 2023]. Disponível em: <https://direcionalescolas.com.br/cine-club-tf-juventude-negra-periferica-do-extermio-ao-protagonismo/>

MCQUAIL, D, 2003. *Teoria da comunicação de massas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

NAKAMURA, A. L, 2013. A mídia e a difusão da violência urbana: O imaginário social permeado pela massificação midiática. In: Interprogramas de Mestrado Faculdade Cásper Líbero, *Anais* [em linha]. [Acesso em 07 junho de 2023]. Disponível em: <https://static.casperlibero.edu.br/uploads/2014/04/Andr%C3%A9-Luis-Nakamura.pdf>

O LIBERAL. 1989. Comunidade de Canudos pede um posto policial na área. [Acesso em 07 junho de 2023]. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/761036/2824>

O LIBERAL. 1989. Muitos problemas num único bairro. Belém. [Acesso em 07 junho de 2023]. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/761036/22357>

OAB. Relatório da situação dos casos de extermínio e chacinas de jovens negros no estado do Pará. Belém: OAB, 2017.

PARÁ. Assembleia Legislativa do Estado do Pará. Comissão Parlamentar de Inquérito para apuração da atuação de grupos de extermínio e milícias no estado do Pará: relatório final. Belém: Alepa, 2015.

PALLONE, S, 2005. Diferenciando subúrbio de periferia. *Cienc. Cult.* [em linha], v. 57, n.2.

- PEREZ, C., e TRINDADE, E. (Eds.), 2020. *Mediações: perspectivas plurais*. Barueri-SP: Estação das Letras e Cores.
- RONDELLI, E, 1998. Imagens da violência: práticas discursivas. *Tempo soc.* São Paulo, v. 10, n. 2, p. 145-157.
- SANTAELLA, L, 2020. Signo é mediação. In C. Perez & E. Trindade (Eds.), *Mediações: perspectivas plurais*. Barueri-SP: Estação das Letras e Cores.
- SANTOS, M. C. J. dos, 2014. *Vozes ativas das favelas 2.0 autorrepresentações midiáticas numa rede de comunicadores periféricos* (Dissertação de mestrado). Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Programa de Pós-Graduação em História Política e Bens Culturais.
- SILVA, S. M., e LACERDA, A. L, 2018. A análise documental de imagens como processo de Mediação da informação nos arquivos. *Acervo - Revista do Arquivo Nacional* [em linha]. v.31, n.3, 75-87.
- SOARES, L. E, 2004. Juventude e violência no Brasil contemporâneo. In: NOVAES, R.; VANUCCHI, P. *Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, p. 130-159.
- SOUZA, C. B. G, 2006. *Desenvolvimento local e gestão participativa: concepção e práticas do PDL na ocupação urbana do Riacho Doce, Belém-PA* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido.
- TANAKA, G. M. M, 2006. *Periferia: conceito, práticas e discursos: práticas sociais e processos urbanos na metrópole de São Paulo* (Dissertação de mestrado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- TELA FIRME, 2023. Comunicação popular, mostrando a beleza, diversidade e a complexidade da periferia. [Acesso em 07 junho de 2023]. Disponível em: https://www.instagram.com/tela_firme/
- VAN DIJK, T. A, 1991. *Racism and the Press*. Londres: Routledge.
- VAN DIJK, T. A, 2018. *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto.